



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADRIANA RITA ALVES II

(Depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-367

Entrevistada: Adriana Rita Alves

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Sede do Clube Grêmio Náutico União - Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 19/11/2013

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Experiência nos Jogos Olímpicos; Preparação de atletas medalhistas; Trajetória como atleta e como treinadora; Clubes dos quais fez parte; Visibilidade da ginástica artística no Brasil e no Estado; A seleção permanente de ginástica; Descontentamento com o incentivo e patrocínio para a modalidade.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2013. Entrevista com Adriana Rita Alves a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Adriana, a gente gostaria de saber como foi a sua inserção no esporte? Você iniciou na ginástica?

A.A. – Na verdade comecei na escola estadual em Porto Alegre mesmo e eu comecei fazendo a parte de dança e de ginástica rítmica na escola. A professora da escola me encaminhou para o CETE¹, que é o centro de treinamento que tem aqui perto da Zero Hora², na rua Erico Veríssimo e ali eu comecei com a ginástica artística em 1981. Lá como todo ano tinha alguma coisa de governo, sempre trocava o dirigente do CETE da instituição, então, todo ano tinha aquela coisa que no ano seguinte não ia funcionar treinamento. Então eu passei para o treinamento em 1982 no CETE e a treinadora fez uma seleção com todas as meninas que eram da parte do treinamento e uma treinadora daqui do União³ foi lá e selecionou algumas meninas para trazer para o treinamento aqui no clube. E eu vim nessa remessa, então, eu entrei aqui no União em 1982, fiquei treinando até 1988 ainda como ginasta. Em 1987 eu comecei como treinadora. Na verdade minha história foi porque eu queria estudar numa escola particular; eu estudava numa estadual e todo mundo daqui estudava na particular, como eu não tinha condições financeiras eu resolvi começar a trabalhar para poder pagar a escola. Então pela manhã eu estudava, eu passei a estudar no IPA⁴, na verdade pela manhã eu estudava, a tarde eu trabalhava com as escolinhas e a noite eu treinava, assim eu comecei. Comecei a dar aulas com quatorze anos, hoje em dia nem poderia mais, eu comecei com carteira assinada, com tudo em 1987. E eu fiquei desde então, nesse meio do caminho, em 1991 eu fiquei cinco meses fora do clube, trabalhei na Sociedade Ginástica em São Leopoldo e retornei. Então quando eu saí daqui eu trabalhava com as pré-equipes; fui para São Leopoldo, trabalhei cinco meses e quando retornei, retornei para a equipe principal. Então desde 1991 estou com a equipe principal aqui dentro do União e assumi a coordenação... Eu nem sei dizer já há quantos anos, mas deve

¹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo, Porto Alegre – RS.

² Referência a sede do Jornal Zero Hora.

³ Grêmio Náutico União.

⁴ Centro Universitário Metodista IPA.

fazer dez anos que eu estou dentro da coordenação do departamento também. Que mais?
Bom! Essa é minha história.

N.B. – Como foi a sua formação?

A.A. – Eu fiz ESEF⁵ na UFRGS⁶, terminei em 1996, levei muitos anos na verdade, levei seis anos para me formar, porque sempre com o tempo muito ocupado, então era difícil de conciliar, eu ia fazendo algumas cadeiras que sobravam no meu horário e fiz especialização em ginástica artística, rítmica e trampolim que teve dentro da UFRGS também 2003 e 2004, agora eu nem me lembro, mas foi o único curso de especialização em GA⁷ que teve dentro da ESEF.

N.B. – E quem influenciou na tua carreira? Algum parente? Amigo? Treinador?

A.A. – *Não*, na verdade, assim, para iniciar foi essa professora que acabou me levando para o centro de treinamento, depois minha mãe que me carregava para cima e para baixo por um determinado tempo. Na época tinha a história da Nadia Comaneci⁸ que surgiu naquele momento, mas não tem ninguém que eu pudesse dizer que foi um ídolo, até porque a ginástica não tinha mídia nenhuma, não tinha internet, ninguém sabia nada de ginástica, não existia nada de badalação como tem hoje para a gente poder ter algum ídolo dentro da modalidade para poder se espelhar. Depois de um tempo, claro, quando a Nadia tirou aquele monte de 10 que começou a divulgar um pouquinho mais a modalidade, mas era muito pouco. Então não tem assim uma coisa muito específica. Aqui dentro eu tive os dois treinadores que fizeram de tudo, que como eu fazia muita coisa, em seguida eu dizia: “Eu não quero mais vou desistir”, eles iam lá em casa me buscavam na porta de casa, me traziam.

N.B. – Como tu falou, a ginástica na época que iniciou era pouco divulgada...

A.A. – Bem pouco.

⁵ Escola de Educação Física.

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Ginástica Artística.

⁸ Nadia Elena Comaneci, atleta de ginástica da Romênia.

N.B. – Em relação aqui no Rio Grande do Sul, como eram os clubes de Porto Alegre?

A.A. – Como eram? Tinha bem mais gente do que tem hoje. Na verdade era União e Sogipa⁹, aí tinha esse centro de treinamento que sempre tinha gente também, a Sociedade Ginástica São Leopoldo, a Sociedade Ginástica Ijuí, a Sociedade Ginástica Novo Hamburgo. Assim pensando rápido acho que esses eram os que mais participavam, então, a gente tinha no campeonato estadual pelo menos cinco ou seis clubes participando, hoje tem um clube ou dois, dependendo da categoria.

N.B. – E dentro da tua carreira teve relação com algum clube de expressão, tu já falou do Grêmio Náutico, teve mais algum clube?

A.A. – Eu trabalhei na Sociedade Ginástica São Leopoldo durante cinco meses no ano de 1991.

N.B. – E escola?

A.A. – Não! Eu montei uma escolinha de ginástica. Eu não vou saber o nome da escola, até já não existe mais, era uma escola particular, mas era uma escola bem pequenininha que tinha do lado do CETE mesmo, não lembro o nome. E eu fiquei por um ano talvez com uma colega dando aula na escolinha, mas não vingou muito assim, era um horário muito apertado.

N.B. – E, quais momentos e eventos da tua carreira dentro do esporte você destacaria?

A.A. – O momento mais marcante de todos para mim foi o Mundial¹⁰ de 2003 quando a Daiane¹¹ ganhou a medalha de ouro. Eu acho incomparável com qualquer outro momento dentro da modalidade da minha história, não tem nenhum momento como esse.

N.B. – E quais as principais dificuldades na carreira fora do eixo Rio-São Paulo?

⁹ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

¹⁰ Campeonato Mundial de Ginástica.

A.A. – Na verdade, hoje a gente até tem várias facilidades em relação ao que já se viveu, embora o Rio Grande do Sul seja uma província em termos esportivos porque não tem projetos que atinjam a gente, todo mundo diz: “Tem projeto, tem isso, tem aquilo...”. *Não têm!* [ênfase]. Os projetos não saem do papel, para tu conseguir alguma coisa de incentivo governamental é muito difícil, não têm. Não existe um ginásio, os ginásios que existem são privados, não existe um ginásio que pudesse ser usado porque o ginásio que existia era o ginásio do CETE que agora esse ano voltou a funcionar, mas a aparelhagem completamente deficitária, a UFRGS tem um ginásio que é muito bom. Nós até fizemos uma parceria com eles lá, mas na verdade por que temos uma parceria? Porque também não é um ginásio aberto que possa ser usado de qualquer forma. Então nós não temos isso dentro do Estado, o Estado não incentiva o esporte, a mídia trabalha quando são aqueles resultados muito expressivos, caso contrário não existe mídia também, então é difícil conseguir patrocinador, é difícil conseguir as crianças porque nosso público é de classe média baixa, muito baixa, super baixa porque a ginástica é um treinamento intensivo, nós não podemos esperar que uma menina ou um menino tenha doze, treze anos para ir começar a fazer ginástica, eles começam com cinco, seis anos. Os pais são pobres, trabalham o dia inteiro, aí vão depender de passagem, então, é complicado para a gente. Nós não temos férias no meio do ano para quem trabalha com treinamento, então, aqueles que tem grana não vão deixar de sair quinze dias em julho para ficar treinando, muito difícil. Acontece, mas é muito difícil, eles querem tirar dois, três meses de férias em janeiro, nos temos quinze, vinte, trinta dias de férias e é sempre no período do Natal até o meio de janeiro, nunca mais do que isso. Então a gente tem uma dificuldade para quem tem um poder aquisitivo maior, até porque se disputa com condomínio, com o shopping, com o inglês, com a música, com o sapateado, com não sei o quê. Para a gente é complicado. Em relação a isso nossa modalidade ainda é pouco prestigiada e, como a divulgação é pequena, ninguém pensa que fazer ginástica trabalha toda a parte de coordenação, trabalha toda a motricidade, trabalha força, trabalha tudo que vá preparar... Mesmo que não seja atleta, sai daqui pronto para qualquer outra modalidade. Porque se fosse pensado e vendido isso até dentro das escolas, mesmo do Estado, com certeza nós teríamos muito mais atletas, não só para ginástica, mas para outras modalidades. Que a gente que trabalha, não sei se vocês trabalham também com isso, a gente pega a maioria das crianças são obesas, a maioria das

¹¹ Daiane Garcia dos Santos, atleta de ginástica do Rio Grande do Sul.

crianças não tem ritmo, não sabem pular corda, não tem coragem de subir em um muro, não ficam em suspensão. Têm crianças que não ficam um milésimo de segundo em suspensão porque não tem absolutamente força nenhuma. Então as crianças de hoje não tem a vivência que nós tínhamos de correr, subir na árvore... Ninguém faz isso, todo mundo vive no condomínio, dentro do condomínio não tem isso. Então a modalidade é realmente pouco difundida pelo menos para poder dizer o quanto é proveitoso o trabalhar a ginástica na primeira idade da infância para depois tu aproveitar para qualquer outra coisa dentro da área motora.

N.B. – Ao longo da tua carreira tu percebeu alguma exigência por ser mulher?

A.A. – Não. Eu acho que não. Esse preconceito não senti nada. Até o contrário, na nossa modalidade existe um preconceito muito maior com os homens, não é que seja uma modalidade feminina porque tem o lado masculino, mas muitas vezes aqueles que nos procuram porque já tem uma tendência mais feminina e acabam no balé, mas não é.

N.B. – E sobre o início da sua carreira, antes dos Jogos Olímpicos tem alguma coisa que você gostaria de destacar?

A.A. – O que eu acho que foi legal em relação a isso é que eu consegui trabalhar cedo, passei por todos os níveis que existiam. Fui professora de escolinha, fui monitora, instrutora um, instrutora dois, treinadora... E o clube deu oportunidade de tudo em relação a isso.

N.B. – Sobre a ida aos Jogos Olímpicos, como foi tua participação?

A.A. – Eu fui a dois Jogos: eu fui em 2004 em Atenas e fui em Londres em 2012. A de 2004 foi bastante complicada pelo seguinte, em 1998... A Daiane começou conosco aqui em 1995... Em 1998, 1999 chegaram os treinadores estrangeiros que era o Oleg¹² e a Irina¹³. Ela chegou em 1998 e o Oleg chegou em 1999, ou ao contrário, não lembro bem. Mas eles chegaram mais ou menos nesse período, quando eles chegaram começou a se

¹² Oleg Ostapenko, treinador ucraniano.

¹³ Irina Ilyaschenko, treinadora ucraniana.

falar de seleção permanente porque até então as seleções eram cíclicas, nós nos reuníamos em alguns períodos do ano, normalmente alguns dias antes dos eventos. Então era feita uma reunião da seleção, com os seus treinadores e se ia para o evento. Com a chegada deles, o que eles fizeram? Como o Brasil todo tem uma carência muito grande de ginásios ainda até hoje, melhorou, mas ainda tem uma carência. Cada vez que ia para um ginásio, um não tinha solo, o outro não tinha departamento médico, o outro não tinha coreógrafa, então eles preferiam juntar. Quando teve essa questão de seleção permanente nós fomos contra a seleção permanente, nós aqui do clube, na verdade o feminino; o masculino não, o masculino foi favorável, então, nos éramos contra e o clube também foi contra, por quê? A Daiane era nossa mídia dentro do espaço, então, as crianças vinham para ver a Daiane, qualquer coisa que se fazia, que usava o nome da Daiane - na verdade da Daiane e do Mosiah¹⁴ - mas a Daiane vendeu mais que o Mosiah. Então qualquer coisa que se fazia era em função dela, e a saída dela para uma seleção permanente, para nós seria muito ruim, porque o clube teria ela em poucos momentos. Nós não aceitávamos isso, só que na época ela acabou fazendo todo o trâmite dela de ir para a seleção sem nós sabermos, aí no fim ficou uma briga nossa com a Confederação¹⁵ embora ela já estava fazendo tudo por fora. A ida dela para lá... Eu comecei a ir... A Daiane na verdade, em 2000, ela já estava na seleção para as Olimpíadas de Sydney, a gente já participou de todo esse processo seletivo, foi quando ela ganhou as medalhas no Pan-americano de Winnipeg em 1999, então nesse processo de seleção ela era *segunda, segunda, segunda...* Quando chegou próximo ela caiu para quarto, mas ela não caiu para quarto por falha técnica, ela caiu para quarto por politicagem. Então essa politicagem acabou levando ela de reserva para Sydney e aí não fui. No processo do ciclo seguinte ela já estava inserida na seleção permanente, eles foram para a seleção permanente ficaram lá do início de 2003, todo 2003 e o 2004 até esse período, acho que o feminino começou em 2002 a seleção permanente, e aí o que aconteceu? Eu tive que ficar indo e vindo várias vezes ao longo desse período para não perder o contato e o vínculo, então, eu particularmente não gosto de seleção permanente, então eu ia e vinha, ia e vinha. Quando chegou próximo a essa data tinha o Oleg, então, ficou tudo como se tivesse sido feito pelo Oleg. O Oleg assim maravilhoso, um treinador realmente espetacular, mas tudo que a Daiane fazia ela continuou fazendo, entendeu? Um único elemento foi o duplo *twist* carpado, esse sim foi o único elemento que foi colocado

¹⁴ Mosiah Brentano Rodrigues.

¹⁵ Confederação Brasileira de Ginástica.

para ela depois, porque antes disso tudo que ela fazia era exatamente igual, não tinha diferença e ela fazia aqui conosco, e ela foi vice-campeã mundial de solo na Universíade¹⁶ e ninguém divulgou, entendeu? Foram coisas que foram acontecendo... Ela já tinha sido vice-campeã mundial conosco, só que foi numa Universíade e eles não deram bola. Quando ela foi para lá, que ela foi campeã mundial de um pré-olímpico, claro que vale mais, aí a coisa estourou e tomou uma dimensão diferente. No Pan-americano de Winnipeg, quando ela estourou, ela treinava só conosco ela não treinava com o Oleg e a partir desse Pan-americano... Eu sempre falo assim que para mim a ginástica teve dois lados: a era antes da Daiane e a era pós Daiane, porque essas medalhas dela no Pan-americano, o que aconteceu? A mídia simplesmente adotou a Daiane, e a mídia que adotou foi a RBS¹⁷ e conseqüentemente a Rede Globo. A hora que ela caiu nos brios da Globo, pronto, não precisava mais nada, a própria Globo fez todo o processo da ginástica na mídia. Todo o processo da ginástica está inserido numa parte mais forte do conhecimento do público, que chegou uma época que o pessoal estava discutindo que a Daiane deu o duplo *twist* carpado¹⁸, virou notícia por que a Globo vendeu. Então isso para a gente foi importante, então essa era antes da Daiane e pós da Daiane acho que ficou muito marcada desde o Pan-americano de Winnipeg, aí claro, culminou com o campeonato de 2003 quando ela ganhou. Aí essa questão dos Jogos Olímpicos, o que aconteceu? A seleção permanente, que eram os russos e a Confederação, não queria mais que nós treinadores nacionais, que não estivéssemos inseridos no sistema, estivéssemos muito próximos, porque eles diziam que cada vez que o ginasta vinha para seu clube ele engordava, ou ele treinava mal, entendeu? Eles começaram a colocar isso na cabeça das meninas, então, claro, elas não queriam mais voltar e lá elas tinham um ginásio de primeiro mundo, no clube elas não tinham um ginásio de primeiro mundo. Só que quem pagava o salário era o clube, quem tinha formado era o clube, então, até para trazê-la para competir no nacional, ou até campeonatos brasileiros, que a gente vive de campeonato brasileiro para o clube, era complicadíssimo, eles não queriam que competisse, eles tinham que fazer tudo. Então a coisa começou a virar uma guerra, quando chegou na véspera de 2004 eu não estava na seleção para acompanhá-la nos Jogos Olímpicos. No Campeonato Mundial eu tinha estado com ela, eu entrei com ela quando ela ganhou medalha, o próprio Oleg passou a credencial dele para mim e eu acabei entrando com ela. Então, quando a gente chegou na Olimpíada

¹⁶ Jogos Mundiais Universitários. Daiane foi medalha de ouro no solo na edição de 2005.

¹⁷ Emissora de televisão do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, filiada a Rede Globo.

não tinha nada. Era véspera de Olimpíada eu estava pedindo ingresso, eu estava pedindo para ir. Nisso eu não posso falar nesse ponto no Estado, naquela época foi a FUNDERGS¹⁹, eu acho, nosso presidente de Federação²⁰ era um presidente bem conceituado, bem relacionado no meio. Ele conseguiu que a FUNDERGS me desse a passagem, então, a FUNDERGS me deu tipo 50% da minha viagem e o União me deu o outro 50%. Então eu estava com tudo pago, mas eu não consegui a credencial para entrar e não consegui ingresso, não tinha ingresso para vender. Eu fiquei pedindo, aí o que eu fiz? A Zero Hora fez uma reportagem gigante na capa - na contra capa na verdade - comigo e a RBS²¹ fez e passou em rede nacional que a treinadora da Daiane estava atrás e não tinha credencial, não tinha isso, não tinha aquilo... Quando faltava mais ou menos uns dez dias para os Jogos Olímpicos eu já sabia que eu não ia, a presidente da Confederação me ligou dizendo: “Eu tenho ingresso para ti”. Só que aí eu já não tinha mais passagem, não tinha hospedagem, não tinha nada. “*Eu tenho ingresso para ti*”, mas como que diz assim: “Agora eu sei que tu não vai mesmo”. Só que a gente se virou e eu fui sem hotel, não tinha mais hotel, chegando lá caminhando, caminhei um dia inteiro porque não tinha mesmo, procurei por todos os lados, não tinha hotel. Quando eu caminhei o dia inteiro eu achei uma gaúcha, numa conveniência que estava com a casa lotada de gente, aí eu e uma outra treinadora, a gente acabou ficando na casa dessa mulher, pagamos para ela, e aí eu consegui fica dentro do ginásio na arquibancada *lá bem em cima*. Mas aí eu consegui, essa Olimpíada de 2004 forai bem complicada, eu só descobri que eu ia nos últimos minutos quase, quando não tinha mais verba nenhuma. Aí depois na de Londres foi com a Adrian²², a gente passou todo o processo juntos, sempre vai e volta. Sou quase nômade moro muito mais fora do que dentro de casa. Eu era terceira treinadora na verdade porque os russos continuaram sendo os primeiros. Quando chegou véspera, nós fizemos uma aclimatação em Londres, em Ipswich que é uma cidade próxima a Londres é lá dentro super bem, quando chegou na véspera que foi o treinamento oficial que era quarenta e oito horas antes dos Jogos realmente da competição dela, ela machucou, porque ela tem uma hérnia de lombar e a hérnia travou de uma tal forma que ela acabou sendo retirada vinte e quatro horas antes do evento, mas aí nós estávamos lá com tudo, aí eu acabei só assistindo junto

¹⁸ Nome do movimento feito pela primeira vez por Daiane dos Santos.

¹⁹ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁰ Federação Riograndense de Ginástica.

²¹ Rede Brasil Sul de Comunicação.

²² Adrian Gomes, ginasta.

com ela, ficamos no Cristal Palace que era o que estava reservado para a delegação. Então esse segundo eu acabei indo, mas não entrei como treinadora exatamente.

N.B. – Acho que tu já falou, como tu foi convidada a participar?

A.A – Na verdade não fui convidada, foi uma imposição pelo Estado, pela mídia, por tudo nesse de Atenas. Nesse segundo não, nesse segundo eu estava inserida no processo normal.

N.B. – Qual é a experiência que tu considera importante compartilhar sobre a tua participação nos Jogos Olímpicos?

A.A. – Os Jogos são muito legais, gurias, porque assim, tudo que tu vive no meio do esporte... Porque a gente enquanto treinadora, não sei se é de toda modalidade, mas todo o treinador que realmente visa o alto rendimento, vive e respira o seu esporte, não tem outra coisa, tu não consegue sair daqui e esquecer, ou tu está planejando, ou tu está pensando, sempre tu tem alguma coisa. E o ponto final de um ciclo, e um ciclo não quer dizer os quatro anos, porque a gente leva oito, doze anos para preparar um atleta, e o ponto final disso acaba sendo aquele determinado período dos Jogos olímpicos, aquele atleta que é de rendimento. E quando tu chega em uma cidade que está fazendo os Jogos ela está toda voltada para isso, é um *glamour* realmente, é uma festa, tudo está voltado para isso, tu te sente como tu estivesse em outro mundo. Então é muito legal, a experiência de tu participar dos Jogos e tu estar dentro da Vila Olímpica, sabe? Tu estás vivendo com aquelas pessoas que tu olha, que também são ídolos porque a gente tem ídolos também de outras modalidades, tu tem como ver... Passar do lado do Bernardinho²³, passar... Sabe? São coisas que fazem muita diferença e essa troca de experiências também, que dependendo da modalidade que tu está ou do outro país que tu está acompanhando o treinamento de outro país que é melhor que tu, ou até o contrário, tu está tentando dividir alguma coisa de conhecimento com relação a isso. Então é um somatório de conhecimento, de troca de experiência que é fantástico. E fora isso a satisfação do dever cumprido, claro, que tu chegar lá é uma coisa, mas não deixa de ser, para nós da modalidade que é uma modalidade meio sofrida, o estar lá já é um processo vencido, claro a classificação lá é o mais importante, mas o estar lá já é muita diferença.

N.B. – E tu percebeu algo diferente assim na estruturação e na visibilidade da modalidade nas duas vezes que tu participou?

A.A. – Do local? Ou do retorno daqui da parte de Brasil?

N.B. – Da estruturação do esporte aqui e a visibilidade também.

A.A. – Na época de 2004 como nós tínhamos a chance da medalha olímpica, então, a mídia foi muito forte, a nossa visibilidade era muito maior, assim como era tudo pela medalha. A hora que a gente ganhou medalha a gente continuou na mídia porque perdeu a medalha. Então nessa época foi melhor. Eu não sei dizer se tinha mais apoio financeiro da parte do Ministério do Esporte, do Governo Federal, etc., ou se era melhor utilizado isso, mas era mais organizado naquele momento. Eu mesmo tive briga com a Confederação em 2004, em função de um processo muito elitizado, foi um processo de exclusão e não de inclusão, tanto que hoje a gente paga a falta e atletas na seleção porque a Daniele Hypólito²⁴, que é um exemplo real ela não deixa de ser um ídolo. A Dani está com trinta anos e continua na seleção e ela ainda continua ganhando de alguns. A gente brinca que ela merece um busto realmente porque é o máximo, porém, se a gente pensar com outros olhos a modalidade está tão ruim que a gente não conseguiu tirar uma menina de trinta anos de dentro da ginástica porque a gente não tem gente embaixo. Então, ela tem um super *status* de estar lá e eu acho que tem todas as glórias por isso, mas prova que nós não tivemos um trabalho de formação e esse trabalho de formação, pelo menos no meu ponto de vista, é resultado de uma seleção permanente de oito anos, que formou quatro... Dois ciclos de seleção permanente, excluindo os clubes e que os clubes não tinham mais a menor vontade de trabalhar formando atletas para a seleção porque o sistema era excludente. Hoje nós temos um buraco enorme, a gente vai ter Jogos Olímpicos aqui e não tem vinte meninas para uma seleção agora e com todas as lesões e as coisas que podem vir a acontecer no meio desse tempo, porque além da lesão existe o problema da maturação, a menina hoje está com treze, catorze anos para poder estar lá com uma idade boa. Hoje ela é um “micuinzinho”, mas quem garante que na hora que ela tiver a menarca e tudo mais, que a cabeça e os

²³ Bernardo Rocha Rezende.

²⁴ Daniele Matias Hypólito.

hormônios começarem a aflorar, se o corpo não muda e ela: “Não caí fora e aí?” Nós temos o quê? Vinte meninas para escolher seis? É nada, não é nada. E isso a gente está pagando em função da seleção permanente, então, a seleção permanente é excelente e ela deve acontecer de novo agora porque a hora que tu reúne o grupo o grupo fica forte... Hoje nós temos sete treinadores estrangeiros trabalhando com a seleção feminina: Russo, ucraniano, bielorusso. É maravilhoso, é um time maravilhoso e mais os brasileiros, agora, se for todo mundo de novo para a seleção permanente, os clubes de novo não vão fazer a formação e a gente vai continuar pagando. Eu acho que em termos de organização foi ruim a seleção permanente, mas em termos de resultado a gente sabe que é necessário, é um mal necessário, só que hoje a gente paga por isso. Hoje em dia a gente tem verba, tem projetos, acho que todo mundo aprendeu a fazer projetos porque tudo vira projeto e o nosso ginásio hoje é o único ginásio do Brasil com o piso que é a última geração; nosso solo chegou faz trinta dias mais ou menos e é o único piso do Brasil oficial para os Jogos Olímpicos de 2016, não existe no Brasil. Então a gente já está um pouco melhor com todo esse processo, mas em termos de visibilidade hoje como nós não temos chance de medalha, pelo menos ainda não... Até existe, no feminino até existe, mas a chance é bem menor que do masculino, a nossa visibilidade hoje é muito menor.

N.B. – E sobre a tua participação tem mais alguma coisa que tu gostaria de compartilhar?

A.A. – Não! Acho que isso é tudo eu falo muito.

N.B. – E sobre a carreira pós-Jogos. Qual a repercussão da sua participação, da tua carreira e na modalidade teve alguma?

A.A. – Nenhuma, nenhuma. Existe um reconhecimento do pessoal que é do meio, que são os outros treinadores. Dentro do clube eu tenho um reconhecimento muito grande, não posso me queixar em absolutamente nada do União. Mas por exemplo, financeiramente nada, nada... Não faz diferença nenhuma tu ter um atleta... Se tu tiver um atleta campeão olímpico ou participar de Jogos Olímpicos ou não participar dos Jogos Olímpicos, não faz muita diferença, está dentro do nosso sistema... Governo do Estado do Rio Grande do Sul então, pior ainda, mas mesmo dentro da modalidade, a nível de país... A gente até brincou

agora. O Arthur²⁵, por exemplo, vai a quase todos eventos convidados e ganha placa, honra ao mérito, ninguém quer viver de placa, a gente precisa se manter de algum jeito. Então quer dizer, placa a gente tem bastante, troféu a gente tem bastante, mas o que precisaria realmente era um retorno financeiro... Hoje em dia, dentro da ginástica pelo menos, a gente passou a receber, todos aqueles treinadores que tem atletas na seleção adulta estão recebendo de acordo com o *ranking* do atleta e a quantidade de atletas... Desde agosto nós estamos recebendo um salário do Comitê Olímpico em função disso. Então, isso assim foi um marco dentro, porque nós nunca recebemos absolutamente nada a mais por ter atleta olímpico ou por trabalhar com rendimento.

N.B. – Tu sempre atuou aqui no Rio Grande do Sul então?

A.A – Sempre. Meio cíclico, mas sempre dentro do Estado.

N.B. – E por que nunca quis sair daqui?

A.A. – Bem honestamente, para trabalhar fora do Brasil, fora do Rio Grande do Sul a gente recebeu propostas, mas não muito concretas para trabalhar nessa Confederação que era em Curitiba na época, para trabalhar lá no centro de treinamento. Só que eu tenho dois filhos, o meu marido, agora meu ex-marido também era treinador e ele estava inserido no sistema. Então ele foi morar em Curitiba como seleção permanente com masculino e eu fiquei com as crianças aqui em Porto Alegre. Fora isso eu recebi convite do Chile, para ir trabalhar e morar no Chile... E dentro de Minas Gerais também eu recebi convite para ir. Mas nunca assim uma proposta formal a ponto de valer a pena, porque hoje para valer a pena tem que ter um salário maior. Nosso salário aqui dentro não é maravilhoso, mas não é um salário ruim, e trocar seis por meia dúzia não vale a pena, então, eu fico aonde eu sei que eu tenho um incentivo, que eu tenho apoio.

N.B. – Então pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha tu gostaria de falar mais alguma coisa sobre o tema?

²⁵ Arthur Zanetti.

A.A. – Não, eu acho que em termos... Para mim o Rio Grande do Sul é um celeiro de atletas, não só da ginástica, como tudo, porque a gente tem uma mistura de raças que favorece muito. Tem os negros, tem os loiros, então tem gente alta, tem gente baixa, tem gente forte, tem gente de todas as formas possíveis para a gente poder selecionar um atleta. O problema é o incentivo do Estado que não existe, como eles dizem: “Vamos fazer um atleta para 2016”. Ninguém vai fazer um atleta em dois, três anos, o atleta já está aí há dez anos treinando, só que esses dez anos ele caminhou sozinho com o seu clube, com o seu treinador. Até agora não teve um incentivo do Estado, isso falando do Rio Grande do Sul, eu sou bem “bocuda” com relação ao Rio Grande do Sul, não consigo ver apoio nenhum há anos. Agora estão dizendo que vai sair uma bolsa atleta Estado, vamos ver.

N.B. – Então tem mais alguma coisa que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

A.A. – Não gurias, eu acho que não, está tranquilo.

N.B. – Então, a gente agradece novamente.

[FINAL DA ENTREVISTA]